

# Mulher 24 HORAS

Informativo do Sindicato dos Bancários/ES - Coordenador Geral: Jessé Gomes de Alvarenga - Diretor de Imprensa: Júlio César Passos - Editoras: Sueli de Freitas (MTb 537/92) e Karina Moura (MTb 2375-ES/08) - Estagiário: Haroldo Lima - Diagramação: Jorge Luiz (MTb 041/96) - n° 90 - Dezembro/2009 - mulher24horas@bancarios-es.org.br - Tiragem: 8.000



Fábio Vicentini

## Esta mulher

Esta mulher não é de graça  
Embora toda graça que ela tem.

Esta mulher que está na praça  
Não é à toa que ela vem  
Quando ela avança,  
avança a história  
Cruel, insana  
Com suas mazelas, suas sequelas  
Com sua vergonha  
Incomoda, incomoda muito  
esta mulher!

Repare seu olhar  
Profundo, cortante  
Como o Atlântico cortou

também.  
Olhe seu colo, seus seios exuberantes  
O ventre alugado, arrombado  
Generoso ventre!  
Quantos doutores não ninou?  
Guerreiros, filhos da pátria  
Filhos sem pátria, frutos da dor  
E os moleques, serelepes, os reis da bola?  
Meu Deus, quanta glória!  
Quantas raízes ela tem?

Veja seu gingado, seu passo firme  
Neste chão que ela pisa,  
fique descalço  
Tem suor, tem luto, tem

saudade  
Muito sangue e conspiração.  
Faça silêncio, tenha respeito.  
Ajoelhe-se. Se redima.  
Experimente com ela  
Sua crença, seus dons, sua arte, toda alegria  
Mãe da Pátria, mãe da história  
AVES MARIAS!

Não desafie jamais esta mulher.  
Deixe que ostente suas marcas, suas garras  
Que nos esbanje toda a coragem e altivez.  
Aprenda, aprenda com ela  
Essa grandeza, essa raça

toda beleza de um povo  
do lugar que ela vem.

Deixe que cante, que sambe  
Que sorria, que nos encante  
Deixe que ame, que nos chame  
Inevitável que transcenda -  
Com toda a história que com ela vem.

Não! Não ouse deter esta mulher!  
Deixe que grite  
Que nos açoite  
Que nos sacuda  
Que nos empurre:  
Vai nos tirar desse lugar esta mulher!

Ângela Barone

# Padrão de beleza escraviza e adocece as mulheres

**E**las são muito magras e estão por toda parte: na TV, nos catálogos de moda, nos filmes de domingo. Aparentemente, habitam um mundo que não nos pertence e que, de alguma forma, tenta se sobrepor ao cotidiano atribulado das reles mortais, não importa onde estejam, do cotidiano doméstico à correria das agências bancárias. E na busca desse modelo de beleza, há mulheres adoecendo.

“Primeiramente, eu percebi a existência da bulimia e da anorexia não em mim, mas sim socialmente. Na adolescência, lia estas revistas que mostram o mundo das modelos, com corpos muito magros sendo idealizados como padrão de beleza. Aí gente se olha no espelho e pensa: aquele é o corpo, o padrão de beleza, e eu estou fora”, conta a bancária capixaba M., 23 anos, que está hoje afastada do trabalho para tratamento de transtornos alimentares.

Num primeiro momento, M. desenvolveu a bulimia. Mais tarde vieram a anorexia, que a levou dos 76 aos 55 quilos, com 1,87 de altura, e a depressão. “Aos 21 anos, por mais que me achasse gorda, não me sentia doente. Quando passei no concurso para o banco e comecei a faculdade, me vi sem tempo para comer direito e, no desespero de dar conta da pressão no banco



e nos estudos, comecei a rejeitar minha aparência. De forma inconsciente, com a mudança da rotina, reduzi bastante minha alimentação. Foi aí que deixei de ser só bulímica, meu quadro evoluiu para a anorexia purgativa”, conta.

Essa história não é única, a cada dia toma-se mais frequente. Historicamente, a beleza sempre esteve atrelada a padrões. Mas no século XX, com a escalada dos veículos de comunicação de massa, principalmente com a ascensão de divas do cinema, de Greta Garbo à esquelética Audrey Hepburn, novas “formas de beleza” idealizadas sur-

giram para serem seguidas à risca, como destacam os manuais.

Segundo a psicóloga Elizabeth Amaral, “vivemos num tempo em que a regulamentação dos corpos atua nos desejos, instaurando certo modelo de beleza e reorganizando as estruturas de família e trabalho”. A cobrança é grande, e o ambiente de trabalho é um agravante, pois é o local onde se passa a maior parte do tempo de convívio social. “A mulher se sente pressionada com a imagem de beleza associada à magreza e à juventude”.

A cobrança é tamanha que mesmo em situação de adoecimento, os corpos que se encaixam no padrão de beleza despertam sentimentos de competição e atração. Segundo M., os clientes do banco preferiam ser atendidos por ela. As colegas de agência demonstravam algum tipo de competição, “principalmente na época em que comecei a emagrecer e estava mais bonita”, afirma a bancária.

Na avaliação de Elizabeth Amaral, as mulheres, na sua maioria, agem seduzidas e iludidas com os desejos produzidos pela subjetividade “capitalística”. Mas seus corpos “docilizados” reagem adoecendo como alerta, na tentativa de resgate da saúde física e mental: “Nesse caso, entendo o adoecer como um ‘bom sinal’, um alerta à vida”.

## Enfrentando os transtornos

Ao contrário da bulimia, transtorno caracterizado pela sensação de fome e a necessidade de ingerir grandes quantidades de alimentos e em seguida vomitá-los, a anorexia se caracteriza pela falta de apetite ou repugnância à comida e vem acompanhada pelo emagrecimento constante. Na anorexia purgativa, o indivíduo come compulsivamente e faz

purgações por meio do vômito e do uso inadequado de laxantes.

O caso da bancária M. é a mistura desses dois transtornos. Ela vomitava mesmo as pequenas quantidades de alimentos consumidos. “É como se eu regurgitasse a comida. É uma reação do meu corpo. É incrível como o organismo se acostuma a não digerir”.

Hoje, fazendo psicoterapia corpo-

ral, ela está se redescobrando: “O terapeuta pede para que eu meça com a mão a circunferência da minha pema e da cintura, com os olhos fechados. Eu sinto um choque. A visão corpórea que eu tenho é bem diferente da noção sensitiva. Ele me falou: já que sua visão falha nesse sentido, então é interessante que você recorra ao recurso sensorial”.

# Inesquecível, Ângela compartilha seus momentos de luta e amor

*“Porque tudo meu é muito intenso, muito forte, tudo meu é muito.”*

**E** não poderia deixar de ser assim quando se trata de Ângela Barone. Ela gesticula e imposta sua voz, dramatizando as histórias, sem conseguir negar sua alma artística. Conta uma história seguida da outra, perdendo-se, encontrando-se na diversidade de camadas que compuseram sua vivência na CEF, a militância sindical e nos movimentos sociais e o amor de mãe e esposa, esquecida e apaixonada. Características multifacetadas que, para os que convivem com Ângela são mais que naturais, admiráveis. Ela deixou a direção do Sindicato, pois vai se aposentar da Caixa, mas não a luta. Confira: Ângela por ela mesma.

Sérgio Cardoso

## TRABALHO

“O trabalho bancário mudou muito. Depois dos anos 90, a regra foi: apaga toda a forma de trabalhar e começa outra. Economia de gente, múltiplas funções... Hoje é uma guerra entre o que está no papel e o que você tem que executar na prática. Você vê o cliente na sua agência precisando que você resolva o problema dele, mas aquilo não é atribuição sua, é risco da outra função. Mas por causa da responsabilidade e do compromisso que você tem perante aquele cliente, você acaba fazendo um monte de coisa que não é atribuição sua. Isso gera uma crise dentro de você. Enquanto trabalhador, que conhece o que tem por trás, e enquanto empregado, que tem um papel a cumprir. E aí? Ser totalmente fria e insensível a esse cliente e assumir minha postura de trabalhadora que não aceita ser explorada? Ou resolver o problema dele? Esse é o embate.”

## MULHER

“Não faço unha, detesto entrar no

salão, sempre gostei de fazer as minhas próprias roupas. Quando vou num restaurante e tem aquele monte de garfo eu penso: que besteira! E me dá vontade de comer tudo errado, só para irritar todo mundo!”

## FAMÍLIA

“Acho que nunca ninguém levou fé em mim como dona de casa e mãe. Isso eu percebia nos comentários, nos olhares, nas brincadeiras. Demorei a casar. Eu falava que só iria casar e ter filho, se a criança nascesse com seis, sete anos (risos). E realmente eu tive muita dificuldade. Eu não gosto de cozinhar e só sei o bê-á-bá. Quando vou cozinhar acendo três, quatro panelas ao mesmo tempo, abro tudo quanto é porta, tudo quanto é gaveta, sujo aquele monte de vasilha, faço aquela bagunça! Sempre quero mudar a receita do bolo, e acabo estragando as coisas. Mas fui e sou uma mãe extremada. Filho com febre, eu passo a noite inteira ali do lado. O Léo (marido) me conheceu assim e me aceita como eu sou. A família dele é toda certinha, as mulheres são todas

prendadas. Mas ele nunca reclamou e nem me cobra. Ele nem engordou depois que casou!” (gargalhadas)

## MOVIMENTO SINDICAL

“Sabe quando a massa endurece e você não consegue destrinchar? Você está ali tentando, amassando, batendo... ou você vence isso, ou desiste, ou descobre uma nova forma. Hoje eu acho que o movimento sindical, o movimento social, a política... tudo está assim. Você fica ali mastigando, mastigando e não deslança. Precisamos descobrir uma nova forma.”

## POESIA

“Sempre gostei de escrever para as pessoas e sobre as pessoas. Poesia mesmo eu comecei a fazer depois dos dezessete anos. Mas fiquei um bom tempo sem escrever, porque tive uma crise existencial. Sabe o que é ficar sempre batendo na mesma tecla, uma procura que você não sabe o que é? Eu não conseguia resposta. Só depois que a política começou a ocupar esse espaço eu preenchi essa ânsia, essa busca.”

# Categoria bancária avança na luta contra o preconceito

*Bancários e bancárias homossexuais têm direitos garantidos*

“O segredo de tudo é você aceitar a você mesmo, e sobretudo respeitar os outros do jeito que eles são”. A afirmação é de José Humberto Vargas de Araújo, funcionário do Banco do Brasil há mais de vinte anos, ao comentar a conquista da categoria bancária na Campanha Salarial deste ano no que diz respeito à isonomia de direitos para homoafetivos. A Convenção Coletiva prevê a extensão do plano de saúde a parceiras ou parceiros do mesmo sexo em todos os bancos.

Para Humberto, a isonomia representa uma grande vitória. “Ainda há muitas barreiras a serem superadas, mas hoje somos mais respeitados, tanto na profissão, quanto no cotidiano. Isso é resultado da nossa luta”, afirma.

O que Humberto diz é condizente com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada em 10 de dezembro de 1948. Nela está escrito que todos os seres humanos são portadores de direitos que devem ser respeitados e garantidos, independentemente de sexo, etnia, língua, religião ou outra condição.

Embora o Brasil seja signatário da



Declaração, ainda hoje diversos brasileiros têm seus direitos desrespeitados. E foi na tentativa de superar essa realidade nos bancos, que a categoria bancária incluiu, em 1998, a Igualdade de Oportunidades como eixo da Campanha Salarial.

Neste ano, a pressão da greve nacional da categoria arrancou, além da isonomia de direitos para homoafetivos, a ampliação da licença-maternidade de quatro para seis meses - ainda com a restrição de estar condicionada a incentivos do Governo - e avanços na igualdade de oportunidades. Foram incluídas as diretrizes do Programa de Valorização da Diversidade, construído a partir do Mapa da Diversidade, onde consta, por exemplo, a democratização do acesso à população negra nos bancos e o encarecimento das mulheres, que somam quase metade da categoria.

De acordo com Lucimar Barbosa, da Secretaria de Relações Sindicais do Sindicato, “a gente luta para que a pessoa humana seja respeitada na sua totalidade e não seja julgada pela sua orientação sexual, nem discriminada por seu sexo”, afirma.

## ENQUANTO O SOL NÃO VEM

O filme da francesa Agnès Jaoui aborda, entre outras

coisas, o legado que o feminismo deixou para sua geração. A diretora, roteirista e atriz vive a personagem Agathe Villanova, uma política feminista, que retorna para a casa de sua infância, na região de Avignon, pouco depois da morte de sua mãe.

Mulher  
CULT



## Mulheres antenadas



Envie suas sugestões, poesias e comentários para o

**Mulher24Horas** pelos e-mails [mulher24horas@bancarios-es.org.br](mailto:mulher24horas@bancarios-es.org.br) e [imprensa@bancarios-es.org.br](mailto:imprensa@bancarios-es.org.br) ou pelo telefone (27) 3331-9999

End: rua Wilson Freitas, 93, Centro, Vitória/ES - CEP 29016-340